

## ORGAN LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

Desterro, 18 de Dezembro de 1887

## EXPEDIENTE

## Assignatura

Por mez 500 rs.

PAGAMENTO ADIANTADO

Publicação semanal

ESCRITORIO DA REDACÇÃO

Rua de João Pinto n. 43

## Dr. Greenhalgh

Pelo paquete *Victoria* chegou ante-hontem a esta Capital o distincto engenheiro cujo nome encima estas linhas.

S. S. pretende demorar-se alguns dias n'esta Provincia, regressando apoz para a Córte onde irá tomar conta de uma estrada cujo prolongamento foi confiado ao seu zelo e aptidões technicas.

Cumprimentamos com toda a effusão ao cavalheiro digno a todos os respeitos das geraes sympathias.

## Gustavo Pereira

No dia 6 do corrente, completou 23 primaveras, o Sr. Gustavo Pereira, um dos mais distinctos moços que honram a nossa melhor sociedade e digno empregado do commercio d'esta capital.

Abraçando a este delicado moço em saudação aquellas perfumantes primaveras, lhe desejamos muita

saúde e muitas felicidades para que as complete sempre alegremente.

Partiu no paquete *Camillo*, no dia 1 do corrente, para Corityba, o nosso muito estimado professor de Geographia e Historia do Instituto Litterario e Normal, o Sr. Custodio Teixeira Raposo, aliás pessoa muito illustrada e de character sisudo.

Desejamos que S. S. tivesse feito satisfatoriamente uma feliz viagem; assim como a sua Exm.<sup>a</sup> familia que no mesmo paquete tambem seguiu para aquella cidade.

Tambem partiu no dia 11 do corrente, no vapor *Rio de Janeiro*, para a Escola Militar da Córte, o nosso distincto amigo e conterraneo, o Sr. Manoel Liberato Bittencourt.

Desejamos que o nobre collega tivesse tido uma feliz e esplendida viagem e que prospere vantajosamente em tão honrada carreira, dando assim, como já tem dado, muitos prazeres a todos que lhe estimam.

O Sr. Ernesto Viegas, muito estimado empregado da classe caixeiral d'esta cidade, que ha dias achava-se enfermo, já está melhor de seus sofrimentos.

Parabens a tão distincto moço, que tem sabido honrar tão dignamente, a nobre classe caixeiral.

Transcrevemos hoje do collega *Alvorada*, a seu pedido, a radiante poesia intitulada—*Alexandrina*.

O que dizem de nós:

Reapparecen, no dia 8, nesta capital o pequeno organ litterario que se intitula *Crepusculo*, redigido por uma pleiade de moços que se tem distinguido no cultivo da intellectualidade.

Oxalá o collega não encontre mais difficuldades na sua existencia, não só para satisfação dos seus assignantes, como d'aquelles que sabem dar o devido merito as producções dos seus collaboradores.

(Do *Jupiter*.)

## A Rosa

(A' SABBAS COSTA)

E' a rainha das flores, a encantadora rosa.

Não ha Romêo ou dandy que a não traga sobre o peito.

As proprias Julietas—meio que suavizam *ses maux aux coeur*, sorvendo-lhe o perfume, respirando seu composto aromatico.

Desde a cabana do pobre até o palacio do potentado, nos sarãos de toda especie, tem ella o mesmo acolhimento, a mesma acceitação e graça, ostentando caprichosamente todo o seu adorno de *coquette* altiva, trajando as galas de seus naturaes atavios e mettendo figas ás suas companheiras... de enfeite.

Ella, é o *high-life* no salão do burguez.

Mas, apezar de tanta graça e formosura, vive, na expressão caracteristica de um poeta—« *l'espace d'un matin* ».

FELINTO.

## Liberdade!

Substitua-se o trabalho escravo pelo trabalho livre, arranque-se das espessas trevas do obscurantismo estes milhares de creaturas que gemem nas trevas pedindo luz, abra-se as grandes portas do templo da instrução, faça-se ouvir o grito do progresso ao som dos canhões da igualdade, quebrem-se os grilhões da escravidão, crime da nação, erga-se o cadafalso para fazer rolar a cabeça dos escravocratas vis, para com seu proprio sangue lavarem a nodoa do soberbo pavilhão Brasileiro, tão negra como os crimes por elles praticados perante esta nação que se proclama civilisada!!

A nação que mantém em seu seio a escravidão que obriga um homem ser escravo de outrem, vender seu semelhante como cousa ou mercaderia, fazel-o succumbir debaixo do azorrague, poderá ser uma nação civilisada?

Aonde estão estas leis que privam o homem de gozar aquillo a que tem firme e inviolavel direito — a liberdade!! Oh! Brazil olha um pouco para o Egypto, e verás a Cidade Santa, dormindo a beira do abysmo, subjugada pelo remorso! Como poderás oh! Brasileira Nação caminhar pelo grande século das luzes, como poderás succudir de teu manto o lodo do crime se vés diante de ti a visão d'elle, — o remorso, perante o qual recuas horrorisada!!

Como não sentirás remover — no coração o arrependimento, ao veres o portentoso gigante d'Africa levantar-se, e em nome da humanidade implorar justiça, á ti Brazil, cujos filhos tantos crimes occultam debaixo do manto da hypocrisia?!

Faça-se resoar por toda parte o brado da liberdade, então teremos o progresso, e tu soberba Nação de cima do throno da igualdade, serás proclamado nação civilisada, hastear-se-ha ao lado do aureo pavilhão Brasileiro, o branco pendão da liberdade, então altiva poderás ler gravada em letras d'ouro, por teus filhos teus heroicos defensores nas grandes paginas da historia, o emblema do progresso — Liberdade e Patriotismo!

Desterro, 4 de Dezembro de 87.

BRIGIDO PEIXOTO.

## A forciòri

Era na primavera, na primavera em flor, quando a vi pela primeira vez no beirado do telhado do quarto onde eu dormia.

Era uma avezinha honesta e lúsidia, apenas vinha pelo espaço a fóra a rir o rocicler da aurora, já ella começava a cantar, a cantar alegremente á beira do telhado quarto onde eu dormia.

Era ella que depeis de saudar a luz e despertar as flores, vinha-me accordar com seus cantos bons e salientes. Então eu me levantava ainda me espreguçando como uma gibóia ao despertar, para abrir a janella que dava para a estrada e a via sempre no beirado do telhado a trinar, a trinar harmoniosamente. E assim que me via abrir a janella, erguia as rutilantes azas e voava e trinava pelos ares e o som crystalino de seu canto retenia pelo azul a fóra, como o som agudissimo de um clarim. E... eu ficava horas perdidas a vel-a doudejar no *pelagodo-ar*.

Era ella a minha santa, a minha verdadeira amiga, nunca fallou-me, mas trinava sempre e eu comprehendia as notas de seu canto, porque sei tambem vibrar a minha rude lyra de onde a dias arranquei os *Cantos Matinaes!*

Eu desconfiava muitas vezes que ella tivesse feito o seu oscilante ninho entre as telhas do beirado do telhado do quarto onde eu morava.

A tardinha quando o sól, esse romeiro loiro, desce sem descer a escada enorme do infinito, n'essa hora em que na terra reina um dueto de perfumes e de cantos e no céu um doce conflicto ao doce morrer do dia, ella alegremente dava um verdadeiro concerto marcial no telhado de uma casa que ficava defronte a janella do meu quarto!

Era um gosto ouvir as agudissimas notas, gorgolejal-as n'aquella fina garganta de crystal.

E assim passei tres mezes gozando alegremente os cantos bons e sadios d'aquella pobre ave.

Porém uma manhã esperei no leito o canto accostumado, esperei, esperei, mas foi inutil, então cansado já de esperar na cama, levantei-me e abri a janella para ver se a via..

nada, nada vi. Então fui sentar-me juncto a minha velha meza para ver se escrevia alguma cousa com relação á esse acontecimento...mas qual foi o meu espanto quando ouvi na estrada uma voz dizer: Um passarinho, um passarinho morto!!

D'um salto fui a janella quando o vi morto nas mãos de um rapaz grosseiro, d'estes que andam pelas estradas desde que amanhece o dia até que escurece, a cantar, a cantar, o hymno da orgia.

Então voltei para juncto da meza aonde estava e escrevi este soneto:

Hontem a tardinha, quando o sol descia  
a escada enorme desses céos azues,  
vi-te cantando uma canção sadia  
canção de morte, supplicando a luz.

Hoje te vejo na estrada franca,  
nas mãos calosas de um rapaz grosseiro  
de olhos negros e de cutis branca  
rapaz da orgia, um cidadão brejeiro.

Não mais tu hades despertar as flores,  
saudar a luz com virginaes ardores  
no meigo prado ou na gentil floresta.

Hontem cantavas o viver incerto  
para o teo vóo era o espaço aberto  
hoje um monturo... e nada mais te resta!

TIMOTHKO MAIA.

Desterro, Outubro —87,

## Photographias

A' ANTONIO DUARTE

(A' vol d'oiseau)

Hontem, o dia apenas vinha esplendido dispontando, quando minha alma immersa n'um punhado de flores, atirado pela natureza ás faces de um jardim, quando no ideal julguei estar sentindo uns fremitos de canções harmoniosas, matizando-o como se acaso fosse a revelante irradiação da luz illuminando algum flammifero claustro de amor, que, como um iman atrahê a alma da gente, muitas vezes para enganar-a, muitas vezes para deixal-a examine; foi justamente quando senti no intimo sereno deste meu coração, um ferimento imaginario de um punhal que me vinha recordar d'um bello e bem photographado retrato, que a dias me enviaste da Côte, aonde hoje habitas.

Oh! que momento sublime quando eu fitava o teo retrato nobre: fiquei mudo e pateta, crê, porque de a muito que não te vejo . . .

N'este instante então, o sol erguendo-se da sua alcova ridente, lucida de estrellas adornada, vinha de lá dos montes Orientaes, mostrando-se silencioso, harmoniosamente, deixando cahir sobre a terra fria, os seus luzentes raios, dando assim uma luz tão clara que a todos illumina e dá vida as arvores e as flores.

As ondas brincando alegremente, como castas creacinhas, ao canto dos passarinhos na voluptuosa estrada, produziam um murmúrio suave batendo á praia, em cuja areia cata-vam-se umas conchinhas tão alvas, como as petalas setinosas d'uma candida e angelica rosa Guanabara, como a merencorea curvidade serena do céu quando é crystallino!

Ouvia-se da cigarra o mavioso canto, a borboleta azul, como o azul do infenito, voava, poisando nas perfumantes flores, sorvendo-lhes o succolento mel que lhe serve de alimento.

Oh! dia magnifico!

Os passaros cantavam, a natureza ria-se!

Havia pelo céu umas quantas nuvens de lindas cores dispersas, puras como a natureza, castas como um sorriso!

Oh! dia magestoso, oh! dia cheio de esplendores, como és bello: és o panorama intimo da Historia ao grito de—Liberdade!

Pois bem, Antonio, o teu retrato, eu comparo c'um paizagem de flores primaveris, está lindo!

N'elle me pareces um francez trajado a ultima moda, me pareces um lord,

Sinto não poder melhor descrevel-o, mas si eu pudesse...teria decerto uma penna digna de apreciação, uma penna boa e inspirada, como a de algum nobre escriptor!

Como me dizes, enviaste o teu retrato bonito, como prova de amizade, não é assim? Por isso guardei-o no cofre placido de minh'alma e agradeço-te, exclamando o celebre pensamento do notavel escriptor francez Bescherelle, sobre o retrato:

« On dit que le portrait d'une personne est dans le coeur, dans l'âme de quelqu'un, poui dire qu'elle en conserve le souvenir, la memoire! »

Desterro, 11 de Dezembro de 1887.

SABBAS COSTA,

## ALEXANDRINA

N'uma noute má, escura, tenebrosa,  
Na porta de um rico, lacrimosa,

Ella pedia por Jeovah:

—Uma esmola á pobre desgraçada,  
Que por leito tem qualquer uma calçada,  
E assim, talvez, acabará!...

N'outro tempo fui feliz, tive carinhos,  
Calcava estradas—sem temer espinhos,

Nunca desejei morrer;

E, como Ashaverus—o proscripto,  
Lamento hoje o meu viver maldicto,  
O que fui, o q'hei de ser!...

—Fui querida, tive amor, já fui amada,  
Mas hoje, pobre mulher!... abandonada,  
Sò me resta — o coração!

Por quem sois, senhor, dae-me uma esmola,  
Atirae dentro aqui d'esta sacola

—Um pedacinho de pão!

Então á porta assomou bella menina,  
E compadecida da pobre Alexandrina,

Lhe disse: entrae!... entrae!...

Quei, a a senhora, se assentar nesta cadeira,  
Emquanto vou lá dentro e mui ligeira  
Chamar o meu papae!

Chegaram ambos; e o velho horrorisado,  
Ante o quadro da miseria ali pintado,

Ficou tetrico, emfim!...

Ao depois, com a voz muito pesada,  
Cumprimentando a mendiga, a desgraçada,  
Elle fallou-lhe assim:

« Tú és nauta perdida em turvos mares,  
Lembrando-te saudosa de teus lares »

Que longe deixaste:

« Eu sou a praia santa, abençoada,  
Que depois da tormenta já passada »  
Cançada tú portaste!

E vendo que és digna, mulher, de compaixão,  
Te juro por Deus, de todo o coração:  
Aqui a flicidade haverás de conseguir!

E ella respondeu-lhe assim, muito contente:  
— « O' esnola do céu e luz da caridade,  
O' genio do Direito e raio da Verdade.  
O' beijo do passado e aurora do porvir! »

Maceió—Agosto—1887.

MISRAEL PAULO MORAES.

## GABINETE JORNALISTICO

Temos recebido as seguintes publicações, com muita regularidade:

A *Revista Typographica* d'esta cidade, publicação quinzenal e de excellente colloboração. O *Jupiter*, tambem d'esta cidade. Este organ é de pequeno formato, porém tem uma impressão nitida e uma correcta leitura, dando assim prova da muita illustração de seus collabores.

A *Matraca* publicação semanal e caricata. E' bem escripta. A *Republica* da florescente cidade de Corityba, organ do partido republicano Paranaense, de que é presidente o Sr. Sinek.

O *Combatente* da cidade de Santa Maria da Bocca do Monte na provincia do Rio Grande do Sul, organ do club caixeiral Santa Mariense sendo bem collaborado e impresso com bastante nitidez.

Agradecemos aos collegas e permutaremos.

## ERNESTO F. NUNES PIRES

## IBRANTINA

## SEGUNDA PARTE

## CAPITULO

## I

Vinte e cinco dias depois do fallecimento de Leoncio e de Mathilde, Ibrantina deu a luz uma encantadora menina.

Alfredo recebendo aquella tão almejada noticia, correu ao quarto de sua mulher abraçou-a com enthusiasmo e ternura e beijou as rosadas faces da filha.

## II

Vamos mostrar aos leitores a extraordinaria mudança que se

operara em toda aquella familia, depois da morte de Leoncio e sua mulher.

Como sabeis a loucura de Leoncio foi produzida pelo desaparecimento de Ibrantina e curada pela volta e casamento d'ella.

Finalmente a morte de Leoncio e Mathilde foi acasionada por terem descoberto o irregular proceder da filha-que tanto amavam, como adiante verão os leitores.

Rosalina estava casada havia um anno quando soube que tinha dado sua mão, não a um homem de bem, mas sim, a um assassino, e ao maior de todos os devassos.

Sabendo Rosalina do procedimento de seu marido com Ibrantina, sua maior amiga, resolveu mudar-se de casa, sendo logo precedida por Ibrantina.

Logo após a sua mudança, Rosalina soube que Rogerio frequentava assiduamente a casa de Ibrantina, escolhendo para suas visitas as horas que Alfredo não estava.

Uma manhã que Rogerio sahira pretestando um chamado urgente, Rosalina deliberou procurar na secretaria do marido documentos que provassem sua culpabilidade. Assim fez; logo os primeiros papeis que encontrou eram cartas de Ibrantina, umas sem interesse e outras que a culpavam.

Não satisfeita ainda com aquella descoberta, continuou a examinar todos os papeis que encontrou, terminando esse exame por um maço de papeis em cujo envolvero se lia—particulares.

O coração de Rosalina, ao pezar aquelle maço de papeis, pulvou violentamente e um extranho tremor percorreu-lhe todo o corpo.

Sentindo passos na escada, escondeu apressadamente aquelles documentos no seio e foi ver quem era.

Era um moço de recados que trasia um bilhete de Rogerio assim consebido:

« Querida Rosalina.

« Chegando hoje, de passagem, « varios companheiros de academia, fui por elles convidado

« para jantar no Universo ». Por « essa razão não espera-me para « jantar.

Teu fiel marido

Rogerio. »

Rosalina vocegada por esse lado, feixou a porta e foi examinar todos aquelles documentos, encontrando em primeiro lugar a seguinte carta de Ibrantina:

« Rogerio

« Estou de accôrdo com o que « me dizes. Sei que me amas, e o « meu amôr por ti, passa já a « adoração. Esqueço os preconceitos da mulher casada e estou « prompta a conceder-te o que « me pedes não só por attender-te « como tambem por satisfazer o « meu maior desejo.

« Alfredo sae as nove horas da « manhã e volta as quatro, por- « tanto podes vir sem o menor re- « ceio das dez horas em diante. « Somos cunhados e ninguem re- « parará em tua visita.

« Recebe um beijo que envia- « te a tua...

« Ibrantina »

« Como vae a Bazilia ?

« Quando a beijares lembra-te « de mim — I. »

Se um raio houvesse cahido n'aquelle momento aos pés de Bazilia, não a offenderia tanto como aquella carta.

Assim foram-se succedendo as cartas de Ibrantina uma após outras; gavendo com especialidade una, que mais corroborava o que diziam as outras. Era assim concebida:

« Meu Rogerio

« O estado em que estou é já « bem adiantado e tenho medo de « ser descoberta, por isso rogo-te « vires cá hoje as seis horas e eu « te pedirei para me examinares. « Como sabes a molestia de que « estou soffrendo poderás já pre- « parar o discurso de parabens á « mim e... a Alfredo.

« Tua Ibrantina ».

(Continúa).

Typ. da Regeneração.